

5ª PARTE

Discursos

Saudando José Alves Fernandes

Noemi Elisa Aderaldo

A monumentalidade lexicográfica do insigne desbravador linguístico reflete-se na riqueza de sua fenomenal bibliografia, que supõe uma vida inteira de interesses e apaixonantes pesquisas e estudos de português e de suas irmãs neo-latinas, línguas culturalmente dominantes, mas também nas fractais indígenas e africanas. Deslinda magistralmente as mais extravagantes articulações histórico-semânticas, e opções letrísticas.

Até aqui, apenas algumas breves alusões gerais ao ínclito e erudito linguísta, que além de previamente latinista e grecologista, tornou-se um grande historiador, filólogo, semiologista e etimologista. A selva da linguagem, afinal.

Raízes, troncos, esgalhamentos, folhagens, florações, frutos e sementes tinham que ser cotejados e classificados, a começar pelo estudo das principais florestas que, não obstante seu gigantismo e seu poder, encerram no próprio étimo da palavra o que há de mais frágil, de mais belo e atrativo no seu reino.

Aliás, a título de curiosidade, a palavra “floresta” procede do antigo francês “forest”, com a complementação portuguesa (sonora e musical) de um “l”, que veio dar “flor”, sendo que no inglês também é “forest”, e no francês “forêt”...

Ora, e não por acaso, esta metáfora da floresta e da vida vegetal aflorou-me à consciência ao refletir acerca da inaudita e eruditíssima riqueza dos especializados conhecimentos e dos trabalhos do Professor José Alves Fernandes, o qual, dentre muitas outras ousadas e inéditas façanhas, opera, como num jogo prazeroso, o destrinçamento de ferrenhas espessuras linguísticas, como um explorador que adentra florestas, algumas delas virgens. Mas claro que, além das matas, ele também não se esquece dos bosques e jardins literários, aos quais pertencem, sobretudo, maravilhas, como as etimológicas, esparsos fios que perfazem teias das mais seguras, das mais luminosas e mais preciosas.

Um outro aspecto porém, humano (ou humanístico) este, confere idêntico, senão ainda maior destaque à pessoa especial do nosso incomparável professor.

Mais que incomum, é lapidarmente raro que extraordinárias e inapreciáveis riquezas humanas se ocultem, naturalmente, sob modestas e singelas aparências de simplicidade e até mesmo de despojamento, quando o comum, nesta nossa espécie humana, consiste em simular sempre bem mais do que aquilo que se é...

Este parecer o que não se é tem sido a causa de inúmeras tragédias ao longo desta nossa história humana, mas ocultar ou neutralizar a grandeza do que se é de fato, como expressão de humildade e de sabedoria, geralmente – e infelizmente – quase nunca se reconhece, porque outro é o hábito desse nosso malfadado e decadente mundo...

O poder interior da genialidade provoca, às vezes, uma externa humildade, que já pertence a um quadro de autobemaventurança.

Raramente se configura genialidade com simplicidade, ou grandeza com humildade. E aqui lembramos Sócrates como histórico exemplo original.

A verdade é que, nos Paradoxos, ou extremos (ou contrários) às vezes mais que se tocam – se fundem, se unem mesmo...

Este o homem de que agora e aqui tratamos, tal como vislumbra-se universalmente em seus dois pólos fundamentais, quais sejam o da ação através da qual se universalizou e se agigantou, e o da maneira de ser, no seu recôndito e profundo entesouramento ôntico natural, ao longo da própria vida.

Calmamente e contemplativo, seus passos se harmonizaram com o ritmo de um pensamento humanizante que parecia considerar até o chão que pisava ao conduzir-se à sala de aula, quiçá por tê-lo já introjetado, quiçá por já se ter nele refletido, sabendo-o sagrado, matriz de tudo o que surgiu à superfície.

Parecia-me tímido, de gestos suaves e brandos, priorizando o silêncio para ouvir o verbo que com desvelo cuidara, constituído de elementos interrelacionais que se enraizavam, que se convertiam em enlaces de

relações funcionais, formando unidades cada vez maiores e atingindo a níveis e aspectos cada vez mais profundos até onde sentia possível ser.

Foi assim que descobri, nessa sua travessia verticalizante da língua, analogias, pontos de contato entre filologia e literatura, campos totalmente estanques antes do surgimento da semiologia, da etnolinguística, da sociolinguística, da psicolinguística.

Acabara eu de chegar da UNB, onde tive a graça de receber orientação dos grandes nomes da literatura clássica de então, tais como Eudoro de Sousa, Agostinho da Silva, Santiago Naud e Ordep Serra, sobretudo na leitura de textos primigênicos que originaram nossa cultura, e que eram tanto de teor épico quanto de teor trágico ou lírico, paradigmas indispensáveis para adentrarmos nossa hodierna literatura, o que ainda nem sempre é reconhecido por todos.

Absorveu também o vergiliano José Alves a luta sangrenta gerada pelo desejo de superação da dualidade, de ultrapassagem da condição humana, não só através dos trágicos antigos, mas até mesmo por meio do próprio Vergílio quando seu herói Eneias, à procura do pai Anquises, atravessa os infernos e, afinal, para surpresa do leitor, lá encontra também os Campos Elíseos.

A inúmeras analogias poderíamos nos referir aqui, como a Odisseu ou Ulisses, herói de Homero, que chega às portas dos Infernos antes de retornar à sua Ítaca. Camões, após a tormentosa viagem de Vasco da Gama, também revela, em sua epopeia, a Ilha dos Amores, onde habitam Vida e Morte, ali figuradas pelo convívio de Heróis e de Ninfas.

Chega o sábio José Alves ao universo ôntico, à descoberta, por meio de suas perquirições, de que morte e vida encontram-se imbricadas, uma pressupondo a outra, atingindo, como inexcedível pesquisador, por meio da própria lógica textual, problemas atinentes ao âmbito metafísico.

Mas o primaz intuito do nosso professor era o de estudar com devoção a abrangência da nossa língua; de aclarar para os alunos o caminho de sua preservação, de sua inteireza, objetivando manter a identidade da nação.

Percebendo a carência de fontes de pesquisa, usurpou todo o seu tempo de descanso e paz na busca valiosa do painel pluridimensional

das palavras, tanto como autor de inúmeros ensaios, do nosso Primeiro Atlas Linguístico, em 2 tomos, obtendo a colaboração de Rogério Bessa, do seu singular *Dicionário de Expressões Opcionais*, guia indispensável a todos nós, seus alunos, como também do seu singular *Dicionário Cronológico da Língua Portuguesa*, e que, brevemente, será lançado pelo gramático norteador de várias gerações, Evanildo Bechara.

Não fora sua bondade e complacência, não me aventuraria a saudar o mestre cuja altura não consigo alcançar. Que adentremos, pois, a sua Obra, e nos aproximemos dele para recebermos as luzes que, através do espelho azul de seu olhar, conduzem-nos.

Com ele e Eleazar Magalhães foi-nos possível criar o seminário anual de Literatura Clássica na Universidade Federal do Ceará, que ainda hoje sobrevive com a preciosa ajuda de novos professores, como Ana Maria Pompeu, Roberto Arruda e outros, de Língua e Literatura Grega.

O mais notável é termos transmitido, ao longo desses anos, a importância do conhecimento de raízes mais antigas, para o vislumbre do apanágio moderno. Vale lembrar que Passado e Futuro coexistem no Presente.

A vitória gloriosa que possibilitou sua convivência conosco fez-me crer na autenticidade e na visão humanística da Academia, que se volta para o seu caminho de transfiguração do ser humano por meio das letras, com alma e espírito centrados nos valores eternos que nos vão preparando o retorno cíclico ao paraíso de onde proviemos.

As águas que me marejam os olhos na ocasião do seu sucesso refletiram a fonte viva de águas profundas que lavam nossas vestes dos dias correntes.

José Alves, por conseguinte, certamente há de mergulhar para além do Universo dos entes e das coisas e constatar também que, ciclicamente, da terrível Morte nasce o fenômeno da Ressurreição.

Seria um nunca terminar discorrer sobre o nosso exímio Professor, que tudo indica ter realizado o fecho expresso pelo Ricardo Reis de Fernando Pessoa:

“Abdica e sê rei de ti mesmo”.